



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

O aboio como cultura de letramento:efeitos de sentido em versos de Buy e Deraldo

GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

RESUMO: O ensino de língua portuguesa deve partir de contextos socioculturais e de especificidades da linguagem escrita e oral, visto que ambas são essenciais para a formação linguística do aluno. Isto significa que é necessário usar os saberes da vida, trazidos à escola através da bagagem cultural e social de cada pessoa como alicerce para aquisição de diferentes habilidades e para o aprimoramento de competências de uso da escrita e da oralidade. Com base nesta prerrogativa, será utilizado o aboio, manifestação cultural discursiva, como ferramenta pedagógica da modalidade de textos literários orais, que em atendimento aos requisitos propostos pelos PCNs são possíveis à aplicação de práticas procedimentais de leitura e escrita que coadunam com práxis de letramento em sala de aula. Deste modo, este trabalho tem por tema cantares de improviso na forma de aboio e objetiva explorar efeitos de sentido em recorrências marcadas por aspectos linguísticos, literários e culturais destes cantares. Os pressupostos teóricos partem da concepção de linguagem defendida por Mikhail Bakhtin (2003[1979]) sobre a dialogicidade e encontram amparo em estudos sobre a construção de sentidos, dentre os quais Orlandi (2005), Fiorin (1997) e Brandão (2004). Considera também as referências culturais apresentadas por Câmara Cascudo (1972, 2010) e as propostas de Letramento defendidas por Ângela Kleiman [2005-2010]. Em um primeiro momento, busca-se apresentar o tema e o sujeito aboiador. Na sequência, serão acionados conhecimentos prévios dos alunos a fim de analisar referências socioculturais para entender quem fala, de onde fala, o que e para quem fala. Em seguida, passa-se à audição de versos previamente gravados e ao levantamento de hipóteses para depreender sentidos não marcados pelas palavras, mas que podem ser inferidos a partir delas. Com isso, espera-se que seja traçado um perfil do sujeito aboiador e que, através de práticas de

letramentos, aspectos de relevância cultural, econômica e social sejam notados como elementos influentes nas escolhas linguísticas dos versos de improviso. PALAVRAS CHAVE: aboio. efeitos de sentido. letramento

RESUMEN: La enseñanza de lengua portuguesa debe partir de contextos socioculturales y de especificidades del lenguaje escrita y oral, ya que las dos son esenciales para la formación lingüística del estudiante. Esto significa que es necesario usar los saberes de la vida, que llegan a la escuela por medio del bagaje cultural y social de cada persona como basis para la adquisición de diferentes habilidades y para aprimorar competencias de la escrita y de la oralidad. De este modo, se utilizará el aboio, demonstración discursiva de la cultura, como herramienta pedagógica de la modalidad de textos literarios orales, que en atendimento a los requisitos propuestos por los PCNs son posibles de prácticas procedimentales de lectura y escrita que coadunan con prácticas de letramiento en el aula. Así, este trabajo lleva por tema cantares de improviso en la condición de aboio y objetiva explotar efectos de sentido en recurrencias marcadas por aspectos linguisticos, literarios y culturales de estas canciones. Las partes teóricas empiezan por la concepción de lenguaje de Mikhail Bakhtin (2003[1979]) a respeito de la dialogicidad y encuentran amparo en los estudios sobre la construcción de sentidos, a saber Orlandi (2005), Fiorin (1997) y Brandão (2004). Considera aún las referencias culturales presentadas por Câmara Cascudo (1972, 2010) y las propuestas de letramiento defendidas por Ângela Kleiman [2005-2010]. En el primer momento se busca presentar el tema y el sujeto, después, serán accionados conocimientos previos de los alumnos con el proposito de analizar referencias socioculturales para comprender el que habla, de donde habla, que y por que habla. Después se pasa a la escucha de los versos ya grabados y al levantamiento de hipótesis para deprender sentidos no marcados por las palabras pero pueden ser pensados a partir de ellas. Con eso, se espera que se trace un perfil del aboiador y que, por medio de prácticas de letramientos, aspectos de relevancia cultural, económica y social sean percibidos como elementos influyentes en las elecciones linguisticas de los versos improvisados. PALABRAS LLAVE: aboio. efectos de sentido. letramiento

Improvizando sobre o aboio O uso da expressão oral como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de habilidades nas aulas de língua portuguesa está assegurado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como elemento essencial à proficiência discursiva e linguística. No entanto, a oralidade geralmente está presente nas aulas de Língua Portuguesa através de proposta reducionista de utilização mecânica, controladora e quase sempre reprodutora da norma padrão, ou o que é ainda mais grave, a fala é negligenciada e tratada como inimiga de qualquer ação pedagógica. Neste uso da linguagem oral, o aluno é silenciado e a interlocução, muitas vezes, é

sufocada em nome da manutenção do controle disciplinar em sala de aula. Face a estas constatações, o que se descortina a partir da reflexão sobre o uso da oralidade em sala de aula é característico do perfil da educação básica: Atitudes que oscilam entre ações controladoras da fala e tentativas de apagamento da voz do aluno. Esse fato causa inquietação por ser incoerente com o discurso que nasce das teorias alicerçantes da formação acadêmica dos professores, as quais pregam a aula construída na interação educadores e educandos e entre saberes acadêmicos e os saberes da vida, trazidos à escola através da bagagem cultural e social de cada pessoa. Esses saberes devem servir de esteio para aquisição de diferentes habilidades e para o aprimoramento de competências de uso da escrita e da oralidade. Por esta perspectiva, entende-se a formação do sujeito sendo traçada antes mesmo que ele chegue à escola, cada experiência de vida é um elemento constituinte do modo como ele representa o universo e ao mesmo tempo de como é representado por este mesmo universo. Esse ideal de ler o mundo antes da leitura do escrito está amparado em Paulo Freire (1989, p.9) que em seu livro *A importância do ato de ler* nos diz: "A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto". Através de sua experiência de vida, o homem completa o sentido das leituras que faz e para isso precisa estar ciente de si, de sua história, (re) conhecer sua identidade e fortalecer sua memória. Não obstante as leituras irem se fazendo à medida que o ser avança no mundo, nada isenta a escola de seu papel formador de cidadãos leitores, portanto cabe à educação formal a tarefa de preparar o cidadão para as leituras que ele precisará fazer dentro e fora dos domínios dos muros escolares. Não é paradoxal a escola ser responsável por formar leitores mas eles existirem independentes dela, na verdade, o leitor se constitui pelo modo de interagir com o mundo. A escola tem meios de potencializar essa interação dando subsídios que facilitem os círculos interativos. Quanto maior a variedade de formas de interação oferecidas pela escola, maior as possibilidades de o sujeito tornar-se autônomo e detentor não só do conhecimento enciclopédico, mas sabedor de diferentes artes, habilidades e culturas. Espera-se que a escola ofereça também a possibilidade de crescer o intelecto a partir da realidade cultural e social dos sujeitos e, desta forma, vivências dos alunos se tornem matrizes teóricas para através delas refletirem sobre a própria identidade e a preservação de suas memórias. Nesta perspectiva, o aboio surge como ferramenta pedagógica capaz de promover o encontro da teoria com a prática e da literatura com a cultura local, pois permite uma multiplicidade de gêneros, de estudos e de construções de sentido que partem de experiências de vida muito próximas das realidades dos alunos. O aboio tem característica plurifacetada porque pode ser analisado por diferentes campos dos estudos da linguagem: pela literatura, já que é uma forma de poesia cantada; a partir das bases da Linguagem Oral e Análise da Conversação, pela linha teórica sobre Identidade e Memórias; pela Linguística Textual e pela Análise de Discurso. Para este trabalho optou-se por lançar mão da variedade e mostrar o aboio via características gerais, com ênfase na análise de

sentidos dos versos de improviso. Deste modo, foram selecionados como *corpus* aboios de Buy e Deraldo, versos improvisados durante a Cavalgada de Chapada, povoado de Riachão do Jacuípe, Bahia, em 30 de maio de 2015, grafados pelo celular e transcritos; alguns trechos foram selecionados para análise. **Aboio, afinal que bicho é esse?**

O aboio é um gênero da oralidade, pertencente à cultura popular nordestina e que por muito tempo ficou restrito ao ritual do vaqueiro na condução do gado, hoje não se limita mais a uma serventia e aparece como atividade lúdica e artística. Laura Maurício (2006) o classificou como canto de trabalho social, lúdico e lírico, essas três vertentes comportam a complexidade desse gênero que passeia entre o jogo efêmero da oralidade e a perpetuação do fazer artístico. Neste estudo o aboio é sinônimo de verso improvisado. Câmara Cascudo (apud Mendes, 2015, p.22) em seu Dicionário do Folclore Brasileiro define aboio como:

Canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado... O aboio não é divertimento. É coisa seria, velhíssima, respeitada (1980, p.2-3).

A ideia do aboio como elemento valoroso e meritório para o vaqueiro está reforçada pela visão de Santos e Barja (2013) quando afirmam:

Seria simplificar o sentido que escapa à investigação acadêmica das cantorias de aboio e das pelejas questioná-las quanto à sua finalidade e importância no cenário da cultura brasileira, pois é da relação do homem com a sua origem e do homem com o que ele considera um dom que estamos falando. (SANTOS; BARJA, 2013, p. 5).

Está entre os objetivos gerais dos PCNs (Brasil, 1997) que os alunos do ensino fundamental, através de diferentes linguagens, usufruam de produções culturais atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. O aboio atende este propósito, uma vez que possibilita ao aluno desfrutar desta importante manifestação cultural para o sertanejo, bem como ter contato com a linguagem peculiar do verso improvisado e a partir dela com o universo e com a história do homem do campo. O canto melódico do aboio está presente na formação urbana do Nordeste, de acordo com Cascudo (1972, p.68) "as cidades se firmaram em torno dos currais de gado". O vaqueiro quando precisava conduzir o rebanho de um local a outro ou quando era necessário juntar as cabeças de gado todas no mesmo lugar emitia sons que funcionavam como uma espécie de interação entre ele e os animais; muitas vezes esses sons evoluíam para a formação

de versos ampliando a comunicação para outros vaqueiros participantes do trabalho. Assim, esses homens podiam obter através deste canto uma espécie de alívio para as dificuldades da vida, pois através das rimas improvisadas nos versos, eles expressavam lamentos, brincadeiras e ainda opinavam sobre a realidade ao seu entorno. Transformações sociais e culturais permitiram um deslocamento desta manifestação cultural do mato, local de trabalho do vaqueiro, para o palco, lugar das apresentações artísticas e culturais dos novos protagonistas do aboio: em lugar de vaqueiros, agora aboiadores. O que antes era uma ferramenta de trabalho, servindo para estabelecer a comunicação entre homem e animal, hoje ocupa *status quo* de arte e aparece na forma de composições melódicas improvisadas. Isso significa que o foco sai do gado e do vaqueiro e recai sobre a sociedade e o aboiador, quer dizer, o tema passa a ser a sociedade e o sujeito do dizer deixa de ser o vaqueiro para se transformar em aboiador. Os aboios formam parte da cantoria sertaneja denominada por Cascudo (2010, p.87) como "conjunto de regras, de estilos e de tradições que regem a profissão de cantador" e tem dentre suas características o improviso constituído por rimas versadas sobre a realidade histórica e ideológica do entorno social do próprio cantador ou da comunidade homenageada nos versos de improviso. Sobre a especificidade da literatura, os PCNs (Brasil, 1997, p. 22) postulam "que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula", deste modo a abordagem do aboio como elemento pedagógico atende também aos requisitos esperados para o enfoque literário no ensino de Língua Portuguesa. Quanto à performance artístico-cultural, o aboio faz parte de um ritual das festas de cavalgada e das festas de vaqueiro, a consagração dessa arte ocorre durante o trajeto do evento com versos improvisados feitos em homenagem aos presentes. O ritual acontece da seguinte forma: uma dupla de aboiadores acompanha o desfile dos cavaleiros estrategicamente posicionados em cima de um carro de som, de onde podem ter uma visão privilegiada que lhes permita retirar do cenário à sua volta as temáticas dos improvisos: são versos sobre o cotidiano, a paisagem e, principalmente, em homenagem a pessoas que estejam presentes no evento. Quando há na plateia figuras de destaque social como fazendeiros, políticos e empresários, os improvisos são dirigidos a eles. Os versos improvisados são constituições melódicas representantes de determinadas

ideologias e reflexos o modo como o aboiador concebe sua realidade; é um instrumento com o qual esse sujeito toca a sociedade e, ao mesmo tempo, é tocado por ela. Os temas compõem-se de formas aparentes da realidade e representam a visão de mundo determinada pela estrutura econômica e social do sujeito aboiador. Outra característica marcante, é que embora o aboio tenha caráter extremamente efêmero – uma vez lançado, o verso não existe mais – o último tema abordado usado por um aboiador é inspiração para seu colega do improviso, que fará sua poesia semanticamente relacionada à anterior, configurando o traço dialógico dessa literatura oral. Neste dialogismo, os aboiadores são parceiros e seus versos se complementam, ratificam-se; não há disputa. Enquanto em uma dupla de repentistas os dois são oponentes, o objetivo é fazer um verso que aniquile o anterior. Quanto às temáticas, ainda que haja muita variação há situações recorrentes e causadoras de certa previsibilidade, mas que não chegam a tirar o fator surpresa dos versos. Dentre os temas mais comuns estão a exaltação à figura feminina, própria de um amor cortês; a relação simbiótica do homem com a natureza, essa funciona como o pagamento de uma dívida do aboiador com a terra por haver deslocado a tradição para a cidade e, por fim a mais frequente das temáticas que é a saudação aos presentes, em especial, àqueles que desfrutam de elevado prestígio social e econômico. **O jogo dialógico entre aboiador e público** A definição proposta para o que seja um aboiador parte do jargão usado pela dupla de aboiadores Buy e Deraldo em diversos momentos durante a abertura de suas apresentações: mensageiro do gado é o modo como se autodenominam. O termo mensageiro aparece no Dicionário Online de Português como “pessoa encarregada de uma mensagem”. O aboiador fica, então, responsável por transmitir um legado cultural formador de identidade e das memórias de seu povo. Cascudo (2010, p.76) refere-se a ele como “[...] o registro, a memória viva,[...] a História sonora e humilde dos que não têm história. É o testemunho, o depoimento”. No entanto, embora a existência do verso dependa da criação do aboiador, há que se considerar o caráter interacional da linguagem que permite nos mais variados contextos de produção a todos os sujeitos participarem em condição de igualdade da troca comunicativa. Deste modo, através de emissão e de recepção comunicativa, aboiador e expectador tornam-se responsáveis pela construção de significados. A função de atribuir carga semântica àquilo que vê - ouve- lê é das mais

complexas tarefas do interlocutor no sistema de interação social da linguagem, em razão da necessidade de manejar bem elementos que se encaixem no jogo semântico e estrutural da movência significativa. Tais elementos são as ferramentas que a escola precisa ofertar aos alunos, que neste contexto são também a plateia do aboiador, a fim de se tornarem aptos a compreender a variabilidade de sentido dos signos linguísticos, e a partir desta compreensão ir definindo suas preferências leitoras. Leitura está aqui numa acepção ampla, para além do texto escrito, concebida como todo e qualquer instrumento de interação social. A formação de qualquer cidadão vai sendo traçada a partir das leituras que faz e do modo como as faz, é segundo Yunes (2002, p. 30) “o exercício de relacionar leituras de saberes específicos sob certos parâmetros.” Assim, nenhum sujeito é único, ele comporta em si diversas posições segundo sua realidade histórico-social de acordo aos papéis desempenhados socialmente. O sujeito que assume a condição de aboiador é o mesmo que, em outra conjuntura, ora assume a função de pai ou de marido ora a de comerciante e também de homem, enquanto representação masculina do século XXI, portanto encarrega-se de diferentes posições na história, apresentando formações discursivas, particulares e diferenciadas na ciranda dialógica da comunicação. Deste modo, pode-se dizer do aboiador um ser tocado por uma ideologia no universo da cultura popular. E o lugar social ocupado por ele é definido por pensamentos que se manifestam através da literatura de improviso dos versos aboiados. Eni Orlandi (2005) assegura a constituição do sujeito basicamente subjetiva, pela forma como ele se submete à língua e à ideologia que o interpelam. Isso significa que a dupla de aboiadores não se trata apenas de dois cidadãos fazedores de versos, preocupados com a rima e a melodia, trata-se de sujeitos pertencentes a uma conjuntura social, moldados por fatores históricos e culturais e, portanto submetidos a certos princípios e aos papéis assumidos na sociedade. Dizer que o aboiador atesta determinados valores através de suas criações literárias improvisadas não significa um fazer consciente, pois não existe neutralidade na conjunção social. Fiorin (1997, p. 43) diz que “o indivíduo não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”. Essas considerações podem induzir que o aboiador tem, muitas vezes, servido para alimentar o sistema de segregação e domínio do qual ele próprio é vítima. O que de fato ocorre é que, pela interpelação ideológica, ele se transforma em agente das relações

sociais usando o aboio como canal para manifestar sua fala, que sempre carregada de sentidos extrapola o campo meramente linguístico e ganha formas apoiadas em contextos históricos e sociais. O entendimento de múltiplos sentidos requer uma plateia atenta, capaz de perceber significados ocultos à decodificação verbal, possíveis de serem apreendidos através de práticas de letramento favoráveis ao despertar de criticidade e de consciência social. É papel da escola fomentar a perspicácia leitora para aspectos de relevância cultural, econômica e social influentes na captação dos sentidos, do contrário a natureza dialógica da linguagem ficará comprometida. O aluno interlocutor através da escola poderá constituir-se como ser dialógico, pois será o ensino formal que lhe dará subsídios para tornar-se um cidadão com abrangente e sagaz leitura de mundo, arquiteto da semântica. Tal afirmativa encontra consonância em Marcuzzo quando apresenta o pensamento bakhtiniano (apud FARACO, 1996, p. 122) “ é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Isto define como o aboio necessita tanto da agilidade intelectual do aboiador na construção versificada no improviso poético, quanto da sagacidade interpretativa do interlocutor na inferência de variantes significativas e das possibilidades intencionais nos versos improvisados. **No encaixe dos sentidos: a semântica do aboio** A linguagem tem várias formas de comunicar, dentre elas a modalidade oral abrange diversas possibilidades de sentidos, pois a fala não é algo pronto, ela está para o uso, ou seja, está a serviço das práticas sociais e culturais sendo controlada por condições de produção, por marcas históricas e pela comunhão que se dá entre enunciatador e interlocutor, por isso as interpretações deslizam em função de intencionalidades diferentes. Sob esse aspecto, a semântica não pode ser pensada como uma construção unilateral, singular, pronta e acabada da linguagem, mas sim como definições prováveis, frutos do entrelaçamento de discursos, das posições sociais do sujeito e da historicidade que as palavras ganham de acordo às condições de produção. Sobre os efeitos de sentido Orlandi (2005) chama atenção para o fato de que:

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros?

Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados

por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. (ORLANDI, 2005, p.34)

Expressões recorrentes nos improvisos de aboio carregam uma simbologia e precisam ser exploradas além da palavra dita. A intenção do aboiador quando homenageia determinada pessoa e mesmo o tipo de elogio merecem ser analisados por quem aprecia os improvisos. O interlocutor deve notar que a escolha das palavras tem uma significação por traz do encargo literário de harmonizar o versos, um termo não é encaixado apenas para rimar, ou para fazer um elo entre estrofes. A escolha que o aboiador faz entre uma palavra ou outra subentende a sua forma de ver o mundo. Um interlocutor letrado será capaz de apreciar a melodia poética dos versos, perceberá termos recorrentes dentro do improviso e construirá uma lógica para a semântica de tais recorrências. Além disso, poderá associar os temas dos versos a situações da vida cotidiana e assim refletir sobre sua própria conduta cidadã, bem como poderá, a partir desta análise, compreender quem é o aboiador, o que ele pensa e a favor de quem e do quê profere o seu aboio. A ruptura da linearidade do significado de uma palavra exige visão ampla sobre termos, temas e contextos que envolvem aquela palavra. Para escolher entre variantes semânticas, o interlocutor do improviso precisa entender alguns prováveis sentidos, pois preferir é imperativo de conhecer, exige um leque de possibilidades alcançável através do saber promovido pela escola. Ao sistematizar diversas aprendizagens a escola oferta teorias possíveis de, agregadas às vivências pessoais, tornar o aluno apto ao uso da leitura e da escrita em suas atividades de práticas sociais. Fica claro, isto posto que a linguagem do aboio comporta uma carga semântica marcada pela visão de mundo do aboiador, manifestada inconscientemente na materialidade discursiva dos versos improvisados, através de expressões que podem ser usadas para, dentre outras tantas possibilidades, delimitar camadas sociais e representar um padrão de vida social desejado pela classe vaqueira. **Aboio: uma proposta pedagógica** A proposta terá início com uma sondagem dos conhecimentos dos alunos sobre o tema. Perguntar se frequentam festas de cavalgadas, se sabem o que é aboio. verificar se há algum aluno na turma com habilidade de compor

versos de improviso, inquirir se conhecem a dupla de aboiadores Buy e Deraldo; depois desse breve bate papo com os alunos, mostrar um vídeo curto com apresentação desses aboiadores em festas da região. Na sequência, devem ser levadas proposições que levem os alunos a refletirem sobre cultura popular e reconhecimento identitário; seria também um bom momento para discutir língua, variação e polissemia. As estratégias usadas até aqui visam situar o tema, além de sondar quais conhecimentos prévios a turma traz sobre o aboio. O ritmo da discussão possibilitará ao professor ter uma ideia de qual o nível de letramento da turma sobre o que se pretende discutir. O momento seguinte será para escuta do áudio dos aboios. Não sem antes passar o maior número de informações sobre o contexto e as condições de produção. É relevante os alunos saberem que os aboios foram proferidos durante uma cavalgada, no povoado de Chapada de Riachão do Jacuípe, em uma tarde de sábado, 30 de maio de 2015, e que durante o trajeto da festa os aboiadores, de cima de um carro de som, criam versos de improviso cuja temática mais recorrente é a alusão a participantes do evento. Essas informações são fundamentais para o levantamento de hipóteses na atividade de apreender sentidos não marcados pelas palavras, mas factíveis a inferências a partir delas. A primeira escuta pretende mais a fruição que explorar marcas de sentidos no áudio, e quando encerre é louvável deixar fluir a sensação proporcionada pela atividade. Passado este instante de sublimação, o professor deve começar a focar em ações de desenvolvimento de habilidades leitoras e distribui as transcrições; ouve-se mais uma vez o áudio gravado acompanhando com o texto impresso. É indispensável que os alunos percebam como a linguagem do aboio tem muitas formas de produzir sentidos a exemplo de entonação, expressões gestuais, melodia e escolha de palavras; como o dizer pode acontecer de vários modos, pelo tom de voz, as trocas de turno, o ritmo, além de abranger diversas possibilidades de sentido. Desta maneira, a construção de significado não será pensada como criação unilateral, singular, pronta e acabada da linguagem, mas sim como acepções prováveis, frutos do entrelaçamento de discursos, de posições sociais e da historicidade que as palavras ganham de acordo com as condições de produção a que estão submetidas. Os versos neste dia estiveram direcionados a agradar duas figuras que se destacavam entre os vaqueiros por suas representações política e social: um forte empresário que está candidato a prefeito e um

grande fazendeiro da região, quem foi deputado federal, além de prefeito de cidade vizinha. A análise dos versos exige prévia apresentação destes homens, uma vez que ocupam o centro temático da maioria dos aboios. O diagnóstico pode iniciar de uma reflexão sobre felicidade. Depois que os alunos expuserem seu posicionamento, o professor apresenta concepções filosóficas e propõe a busca de pistas para definir qual concepção está presente nos versos. Será que representam a ideia que os aboiadores têm de felicidade ou eles falam a partir de convenções estabelecidas?

Convém analisar se na voz do aboiador há indícios de doutrinas de bases epicuristas ou hedonistas, pois os versos transmitem a ideia que feliz é aquele cuja riqueza e poder merecem ser exibidos como troféu. Da perspectiva acima, surge um paradoxo: as festas acontecem em torno do vaqueiro mas seus representantes legítimos, os aboiadores, mantêm a postura servil de receber com decoro o patrão convidado e esse torna-se o destaque dos versos que reverenciam a posição proeminente ocupada pelo patrão rico. Desse modo, diante dos presentes, o merecedor de receber um verso em sua homenagem é digno de ser citado porque se destaca por uma suposta superioridade que o diferencia de seus pares através do vocativo *patrão*. “Lamartine, meu patrão” “Gato aleijado, patrão” “Nego de Pombo, patrão” A partir dessas constatações deve-se questionar possíveis significados para o termo *patrão*, destarte as evidências que na linguagem do aboio ser *patrão* é mais que ser o proprietário ou chefe. Conforme o significado usual, em uma repartição ou comércio, *patrão* é o que comanda, os outros são subordinados a ele, mas e no improviso poético?

Quando o aboiador faz um verso em que chama algum dos ouvintes de “*patrão*” o que propõe sua poesia?

É possível construir a hipótese, ainda, que as composições poéticas do aboio, cunhadas em cima de prestígio social e econômico, são resquício das relações sociais do coronelismo, uma vez que o discurso se materializa em versos como: “vaqueiros em parceria, tipo de igual ao patrão” é importante levar os alunos a refletirem o que está latente no verso acima, se há ideia de soberania do elemento ‘*patrão*’ e sob quais aspectos o vaqueiro não seria igual ao patrão. Outra sugestão é observar o seguinte improviso: “vaqueiros e fazendeiros vai tudo misturado” ensejo para abordar marcas de oralidade e variação linguística, permite, ainda, discutir a ideia subentendida de que na cavalgada todos se misturam como se fossem iguais, como se o

servilismo, próprio do fracionamento entre empregado e empregador, desaparecesse em virtude do momento festivo. Os alunos devem ser instigados a questionar as verdades das composições poéticas, bem como estarem atentos para o caráter efêmero dessas melodias feitas às pressas, em que a sagacidade do pensamento é elemento primordial. Imprescindível também levar os alunos a perceberem o encantamento desta literatura do improvisado, desta conversa rimada que habita o território da movência e embriaga a todos em uma farrá de poesia oralizada. (AMORIM, 2007) No desempenho de sua função, o professor deve ser um obstinado a transformar o aluno em um caçador de materialidade em aspectos textuais invisíveis, para tanto o letramento apresenta-se como uma das formas mais eficazes de levar o aluno a extrapolar os limites da decodificação verbal. Nesta perspectiva, o universo letrado pode ser atingido também partindo-se de outro ponto de análise dos versos: o da construção simbólica do sucesso. Uma estratégia adequada nesta abordagem textual é questionar o porquê de o discurso do aboio insinuar que há figuras sociais de tamanha expressividade, dignas de ressaír diante dos demais presentes; porque essas pessoas merecem ter seu status social e econômico destacado através de versos lisonjeadores direcionados a elementos representativos de seu sucesso, sua supremacia ante os demais como o porte de seu animal: "montou num belo castanhão" "até chegar em Chapada com a melhor montaria" "toda essa vaqueirama em seus cavalos preparados" os versos, em lugar de valorar a manifestação cultural, se prendem à lógica econômica e social na qual quem tem o melhor cavalo não é o vaqueiro e, sim o fazendeiro, então o animal do patrão também se destaca, pois está à altura dele, e a montaria do vaqueiro, ainda que juntos - homem e animal - formem um grande parceria, não ganha destaque na festa. Essa afirmação pode ser comprovada nos versos: "Nego de Pombo está em sua montaria Bira do outro lado distribui a simpatia" nesse caso, o homenageado não é um grande fazendeiro, por isso o animal não é realçado, apenas cita que está em sua montaria, enquanto o cavalo do patrão é identificado como a melhor montaria. No que concerne às atitudes e ao comportamento dos sujeitos que servem de tema para os aboios, percebe-se a virilidade masculina ganhando destaque em muitos versos. A imagem do homem é associada aos prazeres da bebida e das conquistas amorosas sem compromisso. Flutua sobre os versos a efígie de um vaqueiro boêmio, Don

Juan: “bota o whisky pra esquentar” vamos cair no meio da festa” [...] “hoje vai ter forró/ vai ter homem apaixonado” “Euvaldo do outro lado/ hoje vai se apaixonar” [...] “você tem capacidade/ é cabra namorador”, “de amor tem à vontade/ não é a toa que tem uma filha com seis meses de idade”. Esse último verso tem uma carga ideológica cuja imagem do garanhão, fazedor de filhos se sobrepõe à imagem do pai, homem honrado e centro de família. Em um caso específico que comprova essa ideia, o aboiador Buy cria um verso revelando o estado civil – casado- de um homenageado e antes da troca de turno com Deraldo grifa o verso com o seguinte comentário: “ te queimei agora, viu?

” Outro ponto que merece destaque no discurso do aboio é o prestígio político que gozam determinados cidadãos da plateia: “Chapada tu tens respeito ninguém vai dizer que não pra [...] e pra [...]”[1] dá uma boa votação. Esse discurso, reflexo das relações sociais, deixa patente a existência de uma autoridade que merece ser colocada acima do sujeitos aboiador e vaqueiro e deve ocupar seu espaço, por isso o aboiador quando percebe que os homens de destaque ficaram para traz no cortejo da cavalgada, incita-os a ocuparem o lugar que é seu de direito: no início do desfile, próximo ao carro de som. O discurso do aboio, então, propõe: “adiante o castanhão/ encaixe de qualquer jeito”, “chegue pra cá/que o Senhor é bem chegado” além disso há marcas linguísticas que apontam expressões obsequiosas como: “...participando da festa desde já muito obrigado” “deixo minha gratidão” Essas expressões provocam uma construção significativa, mais uma vez, de uma imagem do vaqueiro curvado, servil ao fazendeiro. Diante do exposto, vale ressaltar que as palavras ganham materialidade linguística no discurso através do sujeito, o qual é compelido por uma determinada ideologia a usá-las dentro de uma língua e de um recorte histórico. Essas mesmas palavras são apreendidas por outros sujeitos motivados por outras ideologias e que imprimem novos sentidos. Portanto, não há garantias nos sentidos, eles flutuam entre gerações, entre pessoas criando efeitos que trazem marcas de subjetividade interpretativas. **Considerações finais** Este estudo traz uma visão pessoal, por isso não pretendeu ser chave da verdade. Em lugar disso, esperou trazer à luz uma possibilidade de atividade pedagógica a partir do aboio, através das múltiplas nuances que sua oralidade contempla e com isso letrar o aluno para que se torne um interlocutor perspicaz. A batalha por

transformar o Brasil em um país de letrados está ainda longe do fim, inúmeras outras questões precisam ser trabalhadas de norte a sul, mas cada passo que se dá é um avanço para que o reconhecimento e apreciação da cultura popular não fiquem apenas restritas a festivais e eventos culturais, mas que possam fazer parte da comunidade escolar tal qual integram as práticas sociais dos alunos. O aboio é uma manifestação plausível de didatização e permite ao professor a exploração de diferentes campos do estudo da linguagem, além trazer valorização para a cultura popular, uma vez que coloca o aboiador como porta voz da identidade e da memória do sertanejo.

[1] os nomes foram omitidos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS AMORIN, Maria Alice. *No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição*. 2007. 138f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontífica Universidade Católica, São Paulo, 2007. BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2003. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação media e tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleto*. Rio de Janeiro: ed. José Olímpio, 1972. 212p. (Coleção Brasil Moço, v 6). _____. Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores para Jovens*. Ilustrações Jó Oliveira. 2 ed. São Paulo: Gaia, 2010. FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 5ª edição. São Paulo: Ática, 1997. 87p (Série Princípios). MAURICIO, Maria Laura de Albuquerque. *Aboio, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola*. João Pessoa, 2006, 96p. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPA. MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007. 128p. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 49p. (Coleção polêmicas do nosso tempo). ORLANDI, Eni P. *Análise De Discurso: Princípios & Procedimentos*. 6ª edição. Campinas: Pontes, 2005. PEREIRA DE SANTANA, Doralice. *Poesia popular nordestina: uma abordagem para o tratamento da relação fala escrita*. 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009. SANTOS, Ana Lygia dos; BARJA, Paulo Roxo. *Ecos do Sertão: As cantigas de Aboio e as pelejas*.

Disponível em:

<http://>

www.

ouvirativo.com

.br

/mp7/pdf/tx_co_Ecos_Sertao_Lygia-Barja.pdf

. Acesso em 20 out. 2015. SILVA, René Marc da Costa. (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília: TV Escola/SEED/MEC, 2008. p. 246. YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2002.

[1] Universidade Estadual de Feira de Santana. Estudante do Mestrado Profletras. E-mail-gilmaracsfreitas@gmail.com

[2] Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora do curso de Mestrado Profletras. E-mail alana_freitas@yahoo.com

.br

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: